



OS CORPOS-CÂMERAS-INFANTIS E AS PRODUÇÕES IMAGÉTICAS: convites para pensar a escola e o currículo da educação infantil

Vanessa Galindo Alves de Melo ¹
Conceição Gislâne Nóbrega de Lima Salles ²

RESUMO

Este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla, que encontrou com a tríade: infância, currículo e Educação Infantil e convidou-a à deslocamentos, sobretudo com 28 crianças da pré-escola de um Centro Municipal de Educação Infantil- CMEI no agreste pernambucano. No entanto, o presente texto objetiva pensar a escola e os currículos da Educação Infantil a partir da potência imagética das fotografias produzidas pelas crianças do referido CMEI. O percurso teórico-metodológico se deu em um caminhar junto, com as crianças e demais habitantes do território existencial da pesquisa, envolvendo a inspiração cartográfica para a produção dos dados. Nesses deslocamentos fomos afetadas pelos intercessores teóricos que nos provocaram a pensar sobre a infância, a escola, os currículos e a produção de imagens com crianças. Nesse movimento, também, abrimo-nos ao gesto da escuta e fomos atravessadas pela poética disruptiva do Manoel de Barros que ao ser habitado por essa infância como experiência nos convida a transver o mundo juntamente com as crianças. O deslocamento com as crianças cartógrafas do território existencial da pesquisa revelam o quanto essa infância diz de si mesma e do mundo a sua volta, quando nos apresenta as miudezas e as existências mínimas que habitam os *espaçostempos* do CMEI. A potência desses dizeres, fazeres e do gesto de olhar das crianças, nos convidaram a experienciar currículos-outros que se abrem a alteridade e seguem reivindicando outros possíveis pela experiência infantil. Currículos-outros coloridos pela infância e fabulados em aberturas aos imprevistos. Currículos-outros que poetizam e potencializam outras possibilidades de pensar e viver a escola e a produção dos currículos na Educação Infantil.

Palavras-chave: Infância, Currículo, Potência imagética, Escola, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação
transvê.
É preciso transver o mundo.
(BARROS, 1996. p. 51)

¹ Doutoranda no Curso de Pós-Graduação em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmico do Agreste (CAA), vanessa-gam@hotmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, Professora Associada II do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco, onde atua no curso de Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea (PPGEduc), como docente permanente. E-mail: conceicao.nlima@ufpe.br;

Os versos que abrem essa escrita nos convidam ao encontro das crianças e da infância em seus gestos inventivos. Um convite para olhar com olhos crianceiros o que acontece no território da Educação Infantil e acolher os dizeres potentes da infância que diz para além da voz, cujos sentidos convocam a uma poética de deslocamentos dos corpos infantis e das imagens por eles produzidas.

As provocações de Manoel de Barros (1996) nos possibilitaram encontros com a infância a partir de uma experiência filosófica. Uma infância para além de uma etapa cronológica ou de fases que compreendem o desenvolvimento humano, sendo uma infância pensada como "condição da experiência" (KOHAN, 2007, p.86) e que “[...] não indica uma quantidade de tempo vivido, mas uma forma de se relacionar com a vida no tempo a qualquer idade” (KOHAN, 2021, p. 51).

Essa infância problematiza a vida, a escola e os currículos da Educação Infantil, pois em sua potência curiosa, inventiva e revolucionária consegue “transver o mundo” (BARROS, 1996). Esse gesto infantil nos deslocou para pensar currículos-outros que são cotidianamente inventados pela infância. Currículos como movimento criador (PARAÍSO, 2010) que se mantém em articulação com a vida, à medida que nos envolvemos com ele, refletimos sobre e com ele (CARVALHO, 2009).

Nesse movimento de “transver” fomos convidadas a olhar para a tríade infância, currículo e Educação Infantil e problematizar essa relação com os olhos das crianças de um Centro Municipal de Educação Infantil- CMEI do agreste pernambucano. Um exercício de pesquisa que foi mobilizado por uma inspiração cartográfica (BARROS; KASTRUP, 2015) como um convite à experimentação e à possibilidade de encontros com as crianças e a infância que habita o CMEI. Corpos entregues ao fluxo de “afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2011, p.23) e que nos convocaram a “pensar com as imagens” (CARVALHO; LEITE, 2018, p. 409) produzidas pelas crianças, em meio as conversas (FERRAÇO; ALVES, 2018) e instaurações (LAPOUJADE, 2017) que foram mobilizadas através de invenções nossas, das crianças e das professoras e que se desdobraram em encontros lúdicos, atravessado por brincadeiras, contação de histórias e diversas situações com uso de materiais não-estruturados.

Nesta direção o presente texto resulta das reflexões oriundas de uma pesquisa, mais ampla, experienciada no (per)curso de Mestrado, e objetiva pensar a escola e os currículos da Educação Infantil a partir da potência imagética das fotografias produzidas pelas crianças do referido CMEI.

O movimento experienciado no encontro com as produções imagéticas das crianças em linhas abertas e errantes ao acontecimento, tornaram-se um convite-provocação para pensarmos os possíveis das existências de currículos que escapam a normatividade e a prescrição. Currículos que são coloridos pela potência imaginativa de uma infância que consegue transver a fixidez das coisas.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Tomamos a infância, também como ponto de partida e de inícios, ao nos deslocarmos com as crianças de um Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI, situado no agreste Pernambucano. Assim, as composições que mobilizaram os encontros com as crianças, inaugurou um movimento que se desenhava a partir de um experiência cartográfica na habitação do território pesquisado e no trajeto que foi sendo feito na processualidade da própria pesquisa.

A cartografia, para Barros e Kastrup (2015, p. 73), “[...] se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos”, não intenta, dessa forma, representar objetos ou solucionar problemas (BARROS; KASTRUP, 2015). Assim, nesse caminho trilhado com as crianças que são cartógrafas, porque exploram extensivamente e intensivamente os meios das aulas, escolas, os currículos, (CORAZZA, 2013), fomos nos deslocando, produzindo os dados e transformando os percursos a partir da imprevisibilidade e do acontecimento.

Os encontros com as crianças foram acompanhados de cuidados éticos e de respeito à dignidade humana dos sujeitos, com base na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016³ que orienta os procedimentos metodológicos que envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes da pesquisa.

As conversas que aconteceram no cotidiano do CMEI, eram convites mútuos, para habitar um outro tempo, como “[...] a arte de se fazer presente, de dar o tempo, isto é, de se

³ BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. O documento dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Seção 1, p. 44- 46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e a partilhar com o outro o que nos habita [...]” (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018, p. 36). Essas conversações aconteceram com grupos de seis crianças em diferentes espaços da instituição, escolhidos por elas próprias (biblioteca, grama do pátio, recepção, anfiteatro) também, se estenderam a movimentos espontâneos, no coletivo, individualmente, como aberturas a outros possíveis e as situações instauradas pelas próprias crianças.

Uma das situações, que nos surpreenderam, uma vez que não estava pré-definida no itinerário de pistas da pesquisa, foi a produção de imagens pelas crianças. Esse deslocamento, surgiu em um momento de conversas e brincadeiras com tecidos, quando uma criança retirou a câmera digital do suporte e começou a fotografar o encontro, os colegas e a si mesma. Um gesto de suspensão que se tornou convite às outras crianças, que afetadas pelo gesto retiraram outros dois aparelhos celulares que fixamente gravavam a cena e experienciaram com seus corpos o manuseio dos dispositivos. Corpos que, afetados por um convite, passaram a interrogar o próprio modo de fazer pesquisas e passaram a convocar um outro olhar para pensar a produção dos dados, a partir da potência das imagens produzidas.

[...] as imagens também podem afetar a produção de outros modos de pensar, potentes o suficiente para nos deslocar de uma ordenação e orquestração de certezas e de verdades, colocando em suspeição o próprio sentido daquilo do que é pensar. Desse modo, o que se deriva do que se pode pensar com as imagens, e a partir delas, produzidas pelas crianças é, ao mesmo tempo, outra concepção da produção da infância e da infância capaz de produzir a si mesma. (CARVALHO; LEITE, 2018, p.399).

Durante os encontros com as crianças éramos afetadas e atravessadas pelo acontecimento. Os fazeres, dizeres e as imagens produzidas pelas crianças remetiam-nos a um convite para acolhermos às experiências que vivenciavam na escola, bem como às suas percepções quanto àquilo que, diariamente, era ofertado a elas nos *espaçostempos*⁴ do CMEI. Dentre os destaques dados pelas crianças, tratamos aqui, sobretudo, do que a potência das imagens por elas invencionadas nos ajudam a pensar sobre o currículo da Educação Infantil.

⁴ Essa escrita é utilizada por Nilda Alves (2003) e outros pesquisadores envolvidos nas pesquisas no/do cotidiano, como possibilidade de transgredir as dicotomias herdadas dos discursos hegemônicos da modernidade e servindo como forma de potencializar outros tantos sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O convite das crianças para transver o mundo, tal como proposto pelo poeta Manoel de Barros (1996) deslocou pelos corredores do CMEI e escapou em meio as tentativas de normatização do olhar. Em suas criações e na produção das imagens as crianças nos convidavam a pensar a escola e os currículos a partir de suas percepções de mundo.

Considerando, esse movimento instaurado, pelas próprias crianças, Carvalho e Leite (2018) nos ajudam a pensar a produção de imagens com crianças como essa micropolítica do devir que escapa as tentativas de controle, assim como acontece com os currículos invencionados pela infância nessas virtualidades.

Ora, a infância e suas imagens, juntamente com aquilo que nela e por ela deriva em múltiplas formas, acenam-nos para uma efetiva política inventiva que, escapando das normativas e das disposições gerais, criam campos de experiências que vazam por micro-poros; apresentam virtualidades estéticas impensáveis, porque fora da lógica do harmônico-normativo; e nos colocam diante de experiências de pensamentos absolutamente nômades, pois nos deslocam de todas as certezas e dos impasses explicativos. Suas imagens não são para significar por sinonímias ou equivalências de sentido: o famoso o que isso quer dizer? Suas imagens são laboratórios ensaísticos de uma micropolítica estética sem pretensão de convencimento porque o registro produtivo de suas imagens é da consistência do devir-infância (CARVALHO; LEITE, 2018, p.398)

A fixidez dos suportes que seguravam os dispositivos celulares e a câmera digital deram lugar a multiplicidade de movimentos dos corpo brincantes. Corpos que se misturavam a tecnologia e faziam outras composições em meio aos deslocamentos intensivos e extensivos no território da Educação Infantil. Imagens dos próprios corpos das crianças, do céu, dos móveis, dos brinquedos se misturavam as imagens da professora, da pesquisadora e dos *espaçostempos* desejados pelas crianças.

O que pode essas imagens? É possível pensar a escola e o currículo da Educação Infantil a partir das imagens produzidas pelas crianças? Essas questões evocam a pensar a infância como “condição da experiência” (KOHAN, 2007, p.86) que ao habitar uma criança cronológica, ou mesmo um adulto, um idoso, uma professora, revela que “[...] a infância não é uma idade, mas um modo (curioso, inquieto, encantado) de viver a vida” (KOHAN, 2021, p.24).

Essa potência de vida revolucionária e libertária que consegue ver além e transvendo consegue modificar as formas de existência das coisas e desenha outros possíveis para as



escolas e os currículos da Educação infantil. Convites para pensar, quem sabe uma escola e currículos mais coloridos e cheios de vida, semelhantes àquelas imagens que representavam a beleza dos detalhes do CMEI, que por vezes, nosso olhar adultocêntrico não conseguia perceber: o azul do céu no pátio, as cores vibrantes das cadeiras do refeitório (amarela, laranja e vermelha), o verde da grama e das plantas da horta. Currículos habitados por uma inventividade, tal como as crianças quando entram em relação com os dispositivos celulares e a câmera digital e saiam para fotografar o território do CMEI.

[...] uma inventividade desalinhada, desconjugada de qualquer regularidade lógico-formal, aproximando-nos de uma composição fluída, ou seja, de um posicionar com a variação de uma intensidade afetiva, perceptiva e pensada acerca da infância que há em nós outros e de nós outros que há na infância. (CARVALHO; LEITE, 2018, p.400)

Em meio, aos desalinhamentos, e nos encontros com esses dispositivos as crianças e a infância saiam do identitarismo e vascularizando-o criavam o que ainda não existe (CARVALHO; LEITE, 2018). As crianças em suas artistagens nos convidam a pensar sobre em que medida a escola e os currículos poderiam aprender com elas a criar aberturas para serem habitados pela infância, uma vez que “[...] não ordenam lugares, mas abrem rasgões para o Fora; movimentam-se sobre um devir-infantil e sobre o esquecimento da história e o abandono das lembranças de infância; percorrem passagens e linhas erráticas de materiais flexíveis e heteróclitos; [...] (CORAZZA, 2013, p. 21).

Esse movimento de criação experienciado pelas crianças requer outras linhas, mais flexíveis e inventivas que são tecidas nos encontros e produzem emoções, desejos, resistências e questionamentos no cotidiano escolar. Por isso, estar atento e se permitir afetar pela potência dos dizeres e dos fazeres das crianças é necessário, uma vez que, elas desejam “[...] desenhar novas linhas de fuga e constituir um rizoma de educação, uma cartografia do aprender (...) colorir o currículo escolar com novas cores e outros conhecimentos” (RODRIGUES; PRATES, 2012, p. 137)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA CONTINUARMOS PENSANDO

É possível pensar composições curriculares mais infantis? É possível pensar a escola como *espaçotempo* de encontros e composições? É possível aprendermos sobre a escola e os



currículos da Educação infantil no encontro com as imagens produzidas pelas crianças? O que nos revela esse olhar que transver o mundo? Evocamos essas perguntas que não se encerram nesse exercício de escrita, mas que tal como as imagens produzidas pelas crianças continuam nos provocando a pensar infantilmente a imanência da infância que pode habitar seus e nossos corpos.

Nessa errância de afetos e percepções as crianças e infância criam, resistem e insistem em nos convidar à olhar com seus olhos dadivosos aquilo que, por vezes, não conseguimos enxergar quando somos guiados por uma racionalidade que nos impede de sentir o cotidiano escolar. Esse convite é sensível e instaurador de novos mundos e de possibilidades de vidas outras. Um convite para transver a lógica identitária e hegemônica que tenta, por vezes, aprisionar esse cotidiano, incidindo sobre os currículos e os *espaçotempos*, reduzindo-os a uma certa lógica produtiva e utilitarista. Um convite para escaparmos e pintarmos com as tintas da imaginação outras composições curriculares, que estejam mais atentas às necessidades e desejos infantis. Composições que, também, possibilitem à escola ser um *espaçotempo de amizade*, de alegria, de encontros, de escuta, de afetos.

Esse olhar que transvê (BARROS, 1996) nos convoca a uma outra relação com a realidade em um movimento de afetação e experiência. Ao abrirem rasgões e brechas através dos seus corpos-câmeras, as crianças e a infância, nos ajudam a enxergar além e mobilizam outros modos de pensar a escola e o currículo da Educação Infantil, radicalizando a mesmidade e convocando aberturas ao devir, à criação, à inventividade, ao desejo, à alteridade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. In: 25ª Reunião Anual da ANPED. Maio/Jun/Jul/Ago Nº 23, Anais... Caxambu, MG, 2003. p. 62-74. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mai. 2019.

BARROS, Laura Pozzana & KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia & Escóssia, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** (pp.52-75). Porto Alegre: Sulina, 2015.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3ª ed. Rio de Janeiro- São Paulo. Editora Record, 1996. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/download/Livrosobrenada-manoel-de-barros.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.



CARVALHO, Alexandre Filordi de; LEITE, César Donizetti Pereira Leite. Inventividade nas imagens errantes: micropolítica estética e devir-infância. In: RODRIGUES, Allan de Carvalho; BERLE, Simone; KOHAN, Walter Omar (orgs.) **Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar.** – 1 ed – Rio de Janeiro: NEFI, 2018.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano Escolar como comunidade de afetos.** Petrópolis: DP et Alii, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto-Alegre-RS: Doisa, 2013.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversas como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire: um menino de 100 anos.** - 1 ed. - Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas.** São Paulo: n-1 edições, 2017, 128p.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Diferença no currículo.** Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, p. 587- 604, maio/ago, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1440140.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

RODRIGUES, Larissa Ferreira; PRATES, Maria Riziane Costa. **Colorindo o currículo: outros possíveis pela experiência na infância.** In: CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). **Infância em territórios curriculares.** Petrópolis, RJ: DP&A, 2012

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Editora UFRG, Porto Alegre, 2011.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; **Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor.** In: RIBEIRO, Tiago.; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 21-40.